

## Os arranjos matrimoniais como instrumento de inserção e participação social de imigrantes alemães— Rio Grande do Sul – século XIX

Arrangements marriage as an instrument of social integration and participation of German immigrants - Rio Grande do Sul - XIX century

Marcos Antônio Witt\*

Belisa Cassel Ribeiro\*\*

Ícaro Estivalet Raymundo\*\*\*

Rodrigo Luis dos Santos\*\*\*\*

**Resumo:** Nosso objetivo com este trabalho é expor a importância que teve a utilização dos arranjos matrimoniais para a implementação de objetivos de ascensão e consolidação sociopolítica entre os imigrantes, através da trajetória de dois expressivos imigrantes de origem alemã na região de São Leopoldo e São Sebastião do Caí, ao longo do século XIX. Ao compreendermos a trajetória e as práticas utilizadas por Francisco Trein e João Pedro Schmitt, além de percebermos a complexidade da sociedade imigrante e as suas tentativas de inserção na sociedade brasileira oitocentista, podemos observar como determinadas práticas, dentre as quais a de formação de redes familiares por meio de arranjos, sobretudo matrimoniais, configuraram em uma prática amplamente usada e que se estabeleceu durante todo o período e até posteriormente, adentrando inclusive o período republicano.

**Palavras-chave:** Imigração. Inserção social. Arranjos matrimoniais.

**Abstract:** Our goal with this work is to expose the importance it had the use of the matrimonial arrangements for implementing goals sociopolitical rise and

---

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenador do Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros – NETB, vinculado ao PPGH-UNISINOS; associado ao Instituto Histórico de São Leopoldo – IHSL. E-mail: mawitt@unisinos.br

\*\* Graduada em História e bolsista de iniciação científica PRATIC na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: chapeuzinhoprata@gmail.com

\*\*\* Graduando em História e bolsista de iniciação científica UNIBIC na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: ok\_icaro@hotmail.com

\*\*\*\* Graduado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: rluis.historia@gmail.com

consolidation among immigrants through the biographies of two expressive immigrants of German origin in the region of São Leopoldo and São Sebastião do Caí throughout the nineteenth century. By understanding the history and practices used by Francisco Trein and João Pedro Schmitt, and realize the complexity of the immigrant society and its insertion attempts within Brazilian society nineteenth century, we can see how certain practices, such as training for family networks means of arrangements, particularly marital configured widely used in practice and which is established during the period until subsequently entering into the period Republic.

**Keywords:** Immigration. Social inclusion. Arranging marriages.

Durante o processo de imigração ocorrido no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, a partir de 1824, e nas fases posteriores, a formação de arranjos e de redes por vínculos familiares, sobretudo por meio dos casamentos, foi uma estratégia utilizada por muitos imigrantes e descendentes. Ao analisarmos essa prática dentro do contexto da imigração alemã, tendo como recorte especial a Colônia Alemã de São Leopoldo (posteriormente Vila e Município) e outras regiões de origem colonial, veremos que essas ações visam garantir uma ascensão e consolidação social, econômica e política. Para compreendermos esse processo, iremos analisar os ajustes familiares e a trajetória de Francisco Trein e João Pedro Schmitt. O primeiro, morador da região do vale do rio Caí, e o segundo, morador de Hamburger Berg, região distrital de São Leopoldo. Ambos tiveram destaque como lideranças econômicas e políticas de suas regiões, com forte influência dentro da sociedade à qual estavam vinculados. E veremos, ao analisarmos aspectos de suas trajetórias, que a questão dos arranjos familiares e a consequente formação de redes sociais constituíram-se em instrumentos importantes para essa consolidação social. Nosso foco temporal é o século XIX, mas para melhor exemplificarmos essas ações, em alguns momentos iremos apontar fatos decorrentes no início do século XX.

O uso de arranjos familiares para a constituição de uma rede social mais ampla é algo bastante presente nas sociedades, não apenas na brasileira, em seus diferentes períodos, mas em outras também. Acordos como os enlaces matrimoniais, apadrinhamentos e compadrios configuram fortes elementos constitutivos dessa

prática, que visa atender objetivos e demandas econômicas, mas também sociopolíticas, como os casos que iremos expor neste trabalho.

Iniciamos por Francisco Trein. Chegado ao Rio Grande do Sul em 1825, contraiu matrimônio com Catarina Kessler, residindo na localidade de Linha São José do Hortêncio<sup>1</sup>. A fixação de residência em Linha São José do Hortêncio (ou Linha Hortêncio) por parte de Trein e sua família é uma ação estratégica: a localidade constituiu, até 1870, aproximadamente, uma importante rota comercial da região, que fazia ligação entre aquela parte do município de São Leopoldo com a sede do município, passando por Bom Jardim (atual município de Ivoti) e Hamburger Berg (atual bairro de Hamburgo Velho, no município de Novo Hamburgo), que eram áreas de atuação de João Pedro Schmitt. Isso explica o fato de que, no mesmo ano em que contraiu matrimônio com Catarina, Francisco Trein instalou uma casa de negócios em Linha Hortêncio. Com o progresso conquistado com seu empreendimento, Trein abriria uma filial em Porto Guimarães, que se transformara em importante rota comercial, por meio do rio Caí (tanto que, quando da criação do município de São Sebastião do Caí, a localidade se tornaria sede do município, retirando de Linha Hortêncio a predominância econômica e política). A filial em São Sebastião do Caí era dirigida por Christiano Jacob Trein, segundo filho de Francisco e Catarina.

Francisco Trein se destacou, além do ponto de vista comercial, na política local, pelo exercício da função de Juiz de Paz em São José do Hortêncio. Esse destaque político tem ligações com seu sucesso econômico, mas também passa pela rede social formada por Trein, sobretudo por meio dos arranjos matrimoniais que este estabeleceu para seus filhos e filhas. Esse processo se consolidou do seguinte modo: Francisco Trein Filho se casou com Margarida Zirbes, filha de um vereador de São Sebastião do Caí, cujo nome era Guilherme Zirbes, enquanto Júlio Trein e Maria Mathilda Trein tiveram enlaces com Maria Cristina e João Jacob Schmitt Filho, que eram filhos de outro vereador, chamado João Jacob Schmitt. Os outros filhos homens de Trein, Felipe Carlos, Cristiano Jacob e Frederico Guilherme se casaram com Guilhermina, Elisabeth e Catarina Ritter, respectivamente, filhas de Henrique Ritter

---

<sup>1</sup>Linha São José do Hortêncio (atual município de São José do Hortêncio) era pertencente à Vila de São Leopoldo, sendo que, após 1875, faria parte do recém-criado município de São Sebastião do Caí (antiga localidade de Porto Guimarães). Porto Guimarães até então era subordinado à Linha Hortêncio, mas com a criação do município de São Sebastião do Caí, emancipando a região da sede de São Leopoldo, ocorre mudança da sede do novo município, fazendo com que Linha Hortêncio se tornasse apenas distrito.

e irmãs de Henrique Ritter Filho, vereador e importante comerciante e empresário local. Por meio desse emaranhado de relações matrimoniais e de parentescos, Francisco Trein promoveu o estabelecimento de vínculos econômicos e comerciais, que, por seu turno, foram continuados por seus filhos, de maneira especial Cristiano Jacob.

Podemos estabelecer uma relação bastante acentuada entre os arranjos familiares e os objetivos comerciais, configurando, dessa forma, uma estratégia eficaz para a obtenção de objetivos particulares de determinados agentes “exponenciais”<sup>2</sup> dessa sociedade. Segundo Ellen Woortmann,

se, portanto, há transações comerciais – pois os princípios de parentesco não são rígidos, a ponto de impedir estratégias – essas transações são abrigadas num código de parentesco, o que indica que o parentesco é um princípio organizatório (WOORTMANN, 1995, p.84).

Podemos perceber, assim, o papel de destaque dos arranjos familiares dentro de uma realidade social complexa. Marcos Tramontini (2000) e Marcos Witt (2008) apontam para essa complexidade, em que os imigrantes e descendentes, ao contrário do que se afirmava sobre sua apatia política e falta de interesse em participar da sociedade brasileira, buscaram se inserir e se estabelecer de maneira solidificada dentro dessa estrutura, utilizando de um leque amplo de iniciativas para consolidar esses objetivos. E entre as estratégias primordiais, temos um amplo cenário de arranjos matrimoniais.

Ainda analisando a trajetória de Trein e sua família, podemos analisar o prosseguimento dessa política de arranjos por meio do casamento, que foi continuada por Cristiano Trein, já no início do século XX. Duas de suas filhas, Catharina e Mathilda, contraíram matrimônio com Frederico Mentz e Antônio Jacob Renner (popularmente conhecido como A. J. Renner), respectivamente. Estes, além do vínculo de parentesco, criariam um vínculo econômico e patrimonial com seu sogro, pois, com ele, dariam continuidade e fundariam certos empreendimentos que,

---

<sup>2</sup> O termo exponencial foi cunhado por Marcos Antônio Witt em sua Dissertação de Mestrado e posterior Tese de Doutorado, para designar os imigrantes que se tornaram influentes e de forte liderança dentro das Colônias e regionalmente, ocupando uma dinâmica intermediária dentro da estrutura social, não ocupando o escalão das grandes lideranças políticas e culturais, assim como não ligados ao trabalho agrícola.

nas décadas posteriores, se tornariam grandes grupos empresariais, as quais abarcaram diferentes áreas: indústria têxtil, comércio, setor bancário e de seguros sociais, tendo como exemplo o Sulbanco, de Frederico Mentz, e as Indústrias e Lojas Renner, de A. J. Renner. Durante praticamente metade do século XX, essas corporações listariam entre as mais importantes do Rio Grande do Sul. Além disso, teriam destaque político, seja por meio de influência, seja por meio da ocupação de cargos eletivos, como no caso de A. J. Renner, deputado na Assembleia Legislativa entre 1934 e 1937.

Contemporâneo de Francisco Trein, João Pedro Schmitt, morador de Hamburger Berg, também possui uma trajetória semelhante, inclusive nas estratégias que utilizou para se fazer parte da estrutura social do país que agora o recebia, além de consolidar sua influência entre os demais imigrantes e descendentes da sua área de atuação. Assim como Trein, Schmitt chegou à Colônia de São Leopoldo em 1825. Casou-se pela primeira vez em 1827, com Anna Barbara Blauth. A família Blauth teria destaque na navegação e transporte de mercadorias via rio dos Sinos, entre São Leopoldo e Porto Alegre.

As ligações entre as famílias Schmitt e Blauth não se deram apenas por meio do casamento de João Pedro e Anna Bárbara. Ocorreram também os enlaces entre Henrique Guilherme Schmitt e Anna Maria Blauth e de Elisabeth Schmitt e João Jacob Blauth. Por meio dos matrimônios, além de ocorrer uma consolidação familiar e patrimonial, também ocorrem mudanças nos rumos sociais e econômicos da família Schmitt, de forma mais incisiva para João Pedro. Em 1830, ele passa a residir em Hamburger Berg, onde, além de estar envolvido com os negócios da navegação, passa a atuar na área do comércio, com a abertura de uma venda. Hamburger Berg, assim como Linha Hortêncio, era um importante entroncamento para as rotas comerciais, pois por ali passavam produtos agrícolas oriundos da região da Picada de São Miguel de Dois Irmãos (atual município de Dois Irmãos), Bom Jardim e Campo Bom, assim como da região dos Campos de Cima da Serra, em direção à São Leopoldo e Porto Alegre. A venda de Schmitt se tornou um local importante tanto para os negócios, como também de tratativas políticas e de sociabilidade na região.

Com o falecimento de Anna Bárbara Schmitt, com quem teve quatro filhos, João Pedro se casaria com Catharina Schmitt, oriunda da família Keiper. Com ela,

Schmitt teria doze filhos. Veremos que, assim como acontecera com ele próprio, Schmitt também acabaria utilizando das estratégias matrimoniais com seus filhos.

João Pedro Schmitt possuía um vizinho em Hamburger Berg, chamado João Kremer. Posteriormente, os dois seriam sócios em uma empresa de colonização particular. Além dos laços comerciais, Kremer e Schmitt estabeleceriam vínculos familiares, pois o filho de João Kremer, Pedro, se casaria com a filha mais velha de João Pedro, Elisabetha Schmitt. Além disso, outra filha de Schmitt, já de seu segundo casamento, de nome Catharina, também iria contrair núpcias com um filho de Kremer, chamado Jacob. Quando do falecimento de João Pedro Schmitt, em 1868, a viúva, Catharina Schmitt, ao dar início ao processo de inventário, nomearia, durante um tempo, João Kremer como tutor de seus filhos menores de idade. Podemos perceber assim um laço estreito entre as duas famílias, o que, por seu turno, visava impedir que o patrimônio, ou pelo menos parte dele, se pulverizasse. Também teremos a união matrimonial de filhos e filhas de Schmitt com membros de outras famílias, como o caso de Maria Schmitt, que se casou com Carlos Lanzer (professor que assumiu a escola da Comunidade Evangélica de Hamburger Berg e que, posteriormente, se tornou destacado comerciante, assim como seu sogro, além de ajudar na fundação da Sociedade de Cantores de Novo Hamburgo) e Carolina Schmitt, que se casou com Guilherme Sibel.

João Pedro Schmitt foi comerciante, empresário do setor de colonização particular de terras e da navegação, e possuía um número considerável de escravos. Além disso, teve destaque político, exercendo cargos como Juiz de Paz e vereador na Câmara de São Leopoldo, na década de 1850. Sabe-se que estas conquistas têm em sua base justamente a adoção, por parte desses imigrantes “exponenciais”, de práticas que possibilitaram alcançar esses resultados. Neste trabalho estamos abordando uma delas, que são os arranjos familiares com destaque para os matrimônios. Vimos aqui que nossos agentes históricos vivenciaram isso e a utilizaram para com seus descendentes, os quais deram continuidade a essa prática.

Como nos referimos anteriormente, esses arranjos constituem, na maioria das vezes, parte de uma estratégia mais ampla. Sobre estratégias, Cristina de Vivó se apropria do conceito de Zúñiga, que nos apontase tratarde

um conjunto de práticas e comportamentos que permitem alcançar ou chegar a uma posição de privilégio como resultado de um esforço realizado. São habilidades postas em prática seja de forma individual,

seja através de um grupo familiar para alcançar ou manter um status social, político e também econômico (VIVÓ, 2009, p. 265-266).

Nesse contexto social, onde as estratégias constituem uma prática usual, o casamento parece assumir apenas um caráter de contrato, de criação e fortalecimento de vínculos econômicos e políticos, visando atingir um patamar sedimentado socialmente. Parece não existir espaço para questões sentimentais (o que não significa que elas não ocorram). Para compreendermos melhor essa configuração, utilizaremos um respaldo de análise antropológica desse contexto dentro da sociedade. Segundo Ellen Woortmann, nesse período ao qual reportamos nosso olhar,

O amor romântico foge ao esforço de construção dos casamentos. Ele se opõe ao esforço da família de construí-lo de acordo com os seus interesses e necessidades. O amor, contendo o perigo da decisão individual, pode ser percebido como representando a desordem. Ele pode romper barreiras fundamentais, como a da religião ou da origem étnica, e essa ultrapassagem de fronteiras de identidade é percebida como uma ameaça à reprodução de cada comunidade [...] (WOORTMANN, 1995, p. 168-159).

Deste modo, verticalizando nosso campo de análise para os arranjos familiares, tendo como base essa visão de comunidade que a autora aponta, ou no nosso caso, de busca por um espaço dentro de uma sociedade, podemos perceber que o papel dos noivos fica restrito ao de coadjuvantes, sendo que o contrato, ou seja, o acordo para o casamento, fica a cargo dos pais. Podemos apontar isso para os casamentos ocorridos na família Trein. Também podemos perceber que em alguns casos, dentro dessa estrutura, determinados agentes constituíram para si e para seus parentes mais imediatos (irmãos, por exemplo), essas articulações matrimoniais. cremos que o caso dos casamentos de João Pedro Schmitt e seus irmãos com integrantes da família Blauth se enquadra nessa possibilidade. Marcos Witt, em sua Tese de Doutorado (posteriormente publicada em forma de livro), afirma que

Para os “exponenciais”, política e economia não estavam dissociadas; para imigrantes e descendentes que *abriram espaço* no meio político, o crescimento e a consolidação econômica equiparavam-se com os vizinhos nacionais (WITT, 2008, p. 21).

Complementamos essa afirmação, com a qual concordamos, incluindo a questão dos acordos familiares, que podem constituir uma dupla possibilidade: os casamentos possibilitavam alcançar o cabedal econômico e o prestígio político, por meio da ampliação das redes sociais dos envolvidos, ou consolidavam esses fatores já existentes, solidificando entre membros de determinadas famílias a inserção na sociedade e em seu campo de influência. Isso, por conta do simbolismo que estava contido, não no matrimônio em si, mas nas possibilidades que ele representava. Ao analisar famílias da região de São Leopoldo, do Litoral Norte e também da região de Taquari, Witt nos apresenta como as articulações familiares dos agentes “exponenciais” por ele estudados foram imprescindíveis para a ascensão social dos seus membros.

Assim, comungamos da afirmação de Pierre Bourdieu, em que o “poder simbólico permitiria conquistar o que é obtido pela força física ou econômica, desde que houvesse reconhecimento pelos demais” (BOURDIEU, 1989, p. 14). A carga representativa contida nos enlaces matrimoniais, tangenciando os meandros econômicos, políticos e sociais, estabelecia dentro da sociedade oitocentista possibilidades de ampliação de poder, de status social, desde que as *costuras* fossem bem alinhadas. Essas costuras, indo ao encontro da concepção de René Rémond, são fatores constituintes de uma participação política (ou busca dessa) em um sentido amplo, não atrelado apenas com os partidarismos.

Os matrimônios não eram uma prática que se tornava fechada em si mesma, mas poderiam assumir um caráter de expansão, já que as famílias passariam a ter um volume mais amplo de contatos, de campos de atuação. Assim, os enlaces eram um caminho profícuo para o estabelecimento de redes mais amplas dentro da sociedade. Corroborando com essa afirmativa, Cristina de Vivó argumenta que

ainda que as redes familiares sejam definidas como um conjunto de famílias que configuram uma elite, que formaria um grupo oligárquico, considero que rede é um conceito muito mais amplo que elite. A rede abrange indivíduos que agem como conectores, “mediadores”, como dizia Zacaría Moutokias (2000), e que não são necessariamente integrantes da família (VIVÓ, 2009, p. 267).

Essa percepção da capacidade conectiva, mas também de expansão que pode derivar dos arranjos matrimoniais, foi absorvida pelos imigrantes que vieram para o



Brasil. Sabe-se que essa prática era bastante usual entre as famílias do Brasil colonial, sobretudo nas regiões de Minas Gerais e São Paulo. Como esse é um elemento recorrente nas práticas sociais nacionais, foi compreendida pelos imigrantes como um caminho estratégico para se inserirem e se consolidarem dentro desse espaço sociopolítico e econômico.

É possível que se tenha uma percepção de que os casamentos entre diversos membros de duas famílias originem o engessamento do patrimônio que estas possuem. Todavia, essa iniciativa visava justamente, do ponto de vista econômico, garantir a manutenção desse capital e, por outro lado, alinhada com a concepção de *poder simbólico*, ampliar a atuação social e política de determinados agentes dessas famílias. Conseqüentemente, esse capital econômico poderia ter ampliação por meio da estruturação de uma rede de influências.

Tentamos, no decorrer desse trabalho, com base em alguns pontos da trajetória de João Pedro Schmitt e Francisco Trein, evidenciar que os ajustes de arranjos matrimoniais constituíram uma das principais iniciativas dos imigrantes, para que, por meio desses enlaces, pudessem ter um espaço social dentro da estrutura brasileira do século XIX. Esse elemento é uma das múltiplas facetas que ilustram a complexidade desse período. Conforme Marcos Tramontini,

a organização social com fundamentação étnica dos colonos se constrói na dinâmica do processo de enfrentamento de dificuldades e adversidades, de atendimento de demandas culturais ou religiosas, de estruturação de práticas econômicas, do aproveitamento dos espaços burocráticos, jurídicos e administrativos para se fazer ouvir e demarcar interesses e garantir direitos (TRAMONTINI, 2000, p. 398).

Buscamos, dessa forma, analisar a família pelo prisma da política, da busca pelos imigrantes para adentrarem e garantir um espaço na sociedade que os recebia. A estrutura familiar constitui um ponto vital da estrutura social. Ocorre assim um processo de interação, no qual a família não se torna algo à parte do que acontece na sociedade, mas é perpassada por todas as nuances que ocorrem nesta. Concomitantemente, os membros dessas famílias oitocentistas, ainda com uma forte carga patriarcal, passam a perceber que a interação familiar e a construção de laços substanciais com outras famílias são um caminho para alavancar objetivos particulares. Em diferentes etapas e em diferentes locais, os arranjos matrimoniais

foram uma constante. Analisar esse processo com diferentes perguntas, com outros olhares, permite não apenas analisar detalhes subjetivos, mas permite vislumbrar um ambiente mais complexo, multifacetado.

O que economia, política, inserção social têm a ver com famílias, arranjos matrimoniais? Partindo da concepção de que a família constitui também uma espécie de instituição política dentro de uma sociedade, partindo de uma visão mais ampla da política, ela acaba sendo transformada em mecanismo de articulação social. E dentro desse mecanismo de articulação, os arranjos matrimoniais se transformam em peças dessa complexa engrenagem, assim como as relações de compadrio, de apadrinhamento. Por isso esse trabalho seguiu esse fio condutor, vislumbrando colocar os arranjos matrimoniais sob a ótica do mecanismo sociopolítico do Brasil oitocentista, demarcando, especialmente, as regiões dos vales dos rios dos Sinos e Caí, no cenário da imigração alemã. Se analisarmos essas famílias e suas constituições não apenas pelo viés genealógico, reducionista da questão, poderemos perceber nuances que demonstram o complexo caleidoscópio social na qual as instituições familiares estavam inseridas, não de forma coadjuvante, mas como entidades multifuncionais e dinâmicas.

## **Referências**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

MARTINY, Carina **Os seus serviços públicos estão de certo modo ligados à prosperidade do município**. Constituindo redes e consolidando o poder: uma elite política local (São Sebastião do Cai, 1875-1900). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Dissertação de Mestrado, 2010.

RAYMUNDO, Ícaro Estivalet; SANTOS, Rodrigo Luis dos; WITT, Marcos Antônio WITT. Abrindo caminhos, ampliando horizontes: economia e política como meio de inserção social (Imigração – Rio Grande do Sul – século XIX). In: RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Org.). **A história da imigração e sua(s) escrita(s)**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

REMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 1996.

SPERB, Angela. O inventário de João Pedro Schmitt. In: **Anais do IV simpósio de história da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, 1987.

VIVÓ, Cristina Mazzeo de. Os vínculos interfamiliares, sociais e políticos da elite mercantil de Lima no final do período colonial e início da República: estudos de caso,

metodologia e fontes. IN: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (Orgs.). **Exercício de micro-história**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**. A Colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: UNISINOS, 2000.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: estratégias políticas (Imigração alemã – Rio Grande do Sul – século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2008.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres**. Colonos do sul e sitiante do Nordeste. São Paulo, Brasília: Hucitec, EDUNB, 1995.

\_\_\_\_\_. **Política no Litoral Norte do Rio Grande do Sul**: a participação de nacionais e de colonos alemães – 1840-1889. São Leopoldo, 2001. Dissertação [Mestrado]. História da América Latina. Programa de Pós-Graduação em História – UNISINOS, 2001.

ZÚÑINGA, Jean-Paul. Clan, parentela, família, indivíduo: métodos y níveis de análisis. **Anuario IEHS**. Argentina: Tandil, n.º 15. 2000

**Recebido em Abril de 2013**  
**Aprovado em Junho de 2013**